

de acordo com a seqüência natural, conduz a resultados melhores, e não deve ser negligenciada, mas sim colocada numa atmosfera agradável na classe.

PRISCILA MOREINAS GRINBLAT

\*

\* \*

Samuely, Tibor, *The Russian Tradition*, Nova York, McGraw-Hill Book Company, 1975, 2ª edição, 443 p. p.

O grande mérito do livro não reside tanto na originalidade de sua tese, que, como diz a contra-capla da edição americana (a edição original é inglesa), consistiria em “explodir a noção tradicional” que o Ocidente mantém do advento da Revolução de Outubro como “fenomeno radicalmente novo”, apresentando-a, ao contrário, como resultado inevitável de uma peculiar tradição revolucionária, enraizada na Rússia desde os tempos medievais, onde o estopim da subversão é mantido aceso por minorias radicais que reemergem sistematicamente das vagas da repressão. Segundo o autor, bastaria ao Ocidente ter meditado tão somente sobre Verkhoviênski ou Stavróguin de *Os Demônios* de Dostoiévski, e a tese não resultaria tão inusitada assim...)

Nem está, em nosso ver, o mérito, na maneira (cativante) como o autor, para provar sua tese, de certa maneira exaspera a dicotomia, nas várias sociedades secretas, entre idealismo e eficácia, entre teoria e práxis, colocando frente a frente, num fascinante desfile animado, personagens célebres ou quase esquecidas, Bakúnin e Netcháev, Petrachévski e Spechniéev, Herzen e Tchernichévski, Mikhailov e Zaichniévski, Tkatchóv e Lavrov, etc. etc. — onde o desbravamento de um caminho russo para a Rússia não resguarda nem os patronos ocidentais da Revolução:

— O problema com “Herr Engels”, escreveu Tkatchóv, é que com todo seu saber, da Rússia ele não conhecia nada. “Julgar nosso programa pelo ponto de vista germânico (i. e. pelo ponto de vista das condições sociais do povo alemão) é tão absurdo quanto examinar o programa alemão pelo ponto de vista russo” (p. 295). e mais adiante, antecipando-se à conclusão:

— O “realista” Tkachóv previu corretamente o curso da revolução russa, mas falhou em discernir as armadilhas fatais que aguardariam o governo revolucionário; o “idealista” Lavrov, apesar de não-realístico em suas estimativas quanto ao futuro, previu corretamente as inevitáveis conseqüências de uma revolução de minoria. (p.305)

O valor da obra está, parece-nos, na possibilidade que o autor teve e soube aproveitar, de haurir minuciosas informações diretamente da fonte (antes de emigrar para a Inglaterra havia-se doutorado na Universidade de Moscou), na

capacidade de dar-lhes vida, alternando-as com momentos interpretativos discutíveis, mas nem por isso menos interessantes. Merece ser lida, como obra histórica e literária, ao mesmo tempo.

AURORA FORNONI BERNADINI

\*           \*

\*

HADDAD, JAMIL ALMANSUR — *Contos Árabes*, (Introdução, Seleção e Notas), Tradução de Jamil Almansur Haddad e José Paulo Paes, Editora Tecnoprint S.A., s.d., Edições de Ouro.

Esta pequena coletânea, ora reeditada, (1) reúne matérias de grande valor no que diz respeito a tão antiga forma literária que é o conto, apresentando um apanhado geral da evolução deste, na História da Literatura Árabe.

Com muita frequência, estudiosos da cultura árabe e em especial da Língua e Literatura, radicados no Brasil, sentem grande falta de bibliografia em Língua Portuguesa, aqui editada. Para um conhecimento desta, faz-se necessário obtê-la em língua estrangeira, principalmente em Árabe, dificultando assim o acesso à mesma.

É sabido que o conto tem suas raízes (do Oriente, Pérsia e Arábia) caracterizadas pela marca do tempo e da história, desde os antigos locais de origem, concorrendo com a compreensão da cultura de um povo; e também o precursor da novela e do romance, contribuindo para o conhecimento da Literatura no tocante ao gênero prosa.

A Literatura Árabe, caracterizada pelas diferenças em relação às Literaturas Clássicas e Ocidentais, pode ser enquadrada dentro de quatro pontos que marcam os aspectos distintos quanto às demais. É, pois, analisada e encarada como a Literatura da Sabedoria, da Imaginação, da Espiritualidade e principalmente do Amor, que é o tema fundamental.

Assim sendo, o conto tem sua origem na época Pré-Islâmica; inicialmente como uma forma de conversação, cantando o passado e valorizando as boas ações, sempre tendo a seu serviço a imaginação fértil, que tangia às vezes o inverossímil. E, através dos séculos sofre alterações, como as outras formas literárias.

O autor desta obra, poeta e ensaísta, portador de um grande cabedal de conhecimento da Língua e Literatura Árabe, atingiu papel de destaque dentro da nossa Literatura, com um número representativo de publicações, refletindo vivência e percepção no conhecimento literário. Dotado de senso crítico e po-

---

(1) — Haddad, Jamil Almansur-*Maravilhas do Conto Árabe*, (Introdução, Seleção e Notas), tradução de J. A. Haddad e José Paulo Paes, São Paulo, Ed. Cultrix, 1962.